NO FRONT

Os desafios da cobertura jornalística em conflitos armados

POR FELIPE SAKAMOTO

"O TEMPO pareceu congelar, a bomba não exalava nenhum cheiro", recorda Joel Silva, que fotografou o bombardeio de tropas de Muammar al-Gaddafi, na Líbia, enquanto o colega Marcelo Ninio olhava para o céu a fim de determinar a posição do caça aéreo. Quando os rebeldes começaram a atirar para o alto, o segurança que acompanhava a dupla de jornalistas da Folha de S. Paulo ordenou que partissem imediatamente dali. Com Ninio já no veículo, o fotógrafo Joel correu para entrar no carro em movimento. Na câmera, levava uma foto tirada instantes antes e que seria comprada pela agência de notícias Reuters para correr o mundo. Aquela foi uma das primeiras imagens de bombardeio em um momento que Gaddafi negava o ataque a civis.

© JOEL SILVA/ FOLHA PRESS

Jornalistas em zonas de conflito se equilibram entre o desafio de cobrir uma pauta e ter de sair vivo para contar a história. Pode parecer trivial, mas na prática é mais complicado do que se imagina. Em 3 de março de 2011, Joel Silva e Marcelo Ninio acompanhavam um posto de rebeldes que se manifestavam contra o governo de Gaddafi. A alguns quilômetros à frente da base, avistava-se o Exército. Foi quando o caça da Força Aérea rasgou o céu e bombardeou uma cidade próxima. Não demorou mais de dois minutos para que a aeronave retornasse e lançasse mais uma bomba, mas daquela vez a 100 metros dos repórteres.

Joel e Ninio sobreviveram para contar essa história. Mas nos últimos dez anos, segundo a ONG Committee to Protect Journalists, 308 jornalistas foram mortos em guerras no mundo todo. Apesar do perigo real, reportar conflitos armados faz parte do sonho de muitos profissionais. O fotojornalista Joel começou a carreira cobrindo homicídios e tráfico de drogas nas periferias de São Paulo. Dessas experiências, surgiu a inquietação com a violência na sociedade e que o levou aos campos de guerra. Em 2000, cobriu seu primeiro conflito, acampando por 22 dias com a guerrilha das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Joel conta que é fundamental para o jornalista entender o embate, a região e seus atores antes de pisar no território para não ser surpreendido. Mas é somente no campo que se tem contato com a realidade da guerra: "Uns dias antes de sair do acampamento, fotografei um guerrilheiro. Ele foi morto três dias depois pelas Forças do país", lembra.

"Na guerra, a verdade é a primeira vítima". A frase do dramaturgo grego Ésquilo sintetiza um dos principais desafios dessa cobertura: a propaganda. Em uma guerra existem sempre dois lados e nenhum deles está disposto a demonstrar fraqueza. A função do jornalista é desvelar esse trabalho nebuloso. Joel conta que procura encontrar as diversas versões de uma verdade. "Se você for para a Síria agora e desembarcar no aeroporto de Damasco, vai se apresentar como jornalista e automaticamente será conduzido para um hotel com alguém das Forças Armadas. Você até tem autorização para trabalhar, mas só sai do hotel acompanhado de algum militar ou tropa. Essa tropa vai te levar para onde eles querem te levar. Então, você não sabe se o que eles estão te mostrando é verdade ou não", alerta.

Cobrir um conflito exige que se coloque tudo em xeque e se policie. O jornalista freelancer Yan Boechat, conta que não é permitido tirar foto de soldado ferido, mostrar fragmento de bomba e nem lançador de míssil em determinados conflitos. O Exército não quer que entreviste pessoas cuja casa foi bombardeada, ou dirão que foi o Estado Islâmico, no caso da Síria. "Você sabe que não é verdade. O EI não tem avião, não tem artilharia pesada. Você vê uma casa rachada no meio e sabe que foi um ataque aéreo", diz Yan. Ele, que já realizou coberturas em países como Afeganistão, Ucrânia, República Democrática do Congo, Tunísia, Egito, Venezuela, avalia que a cobertura da mídia é voltada para a agenda dos governos. E o alvo principal são os grupos terroristas, enquanto bombardeamentos dos Estados Unidos não são tão noticiados.

"Se filmar algo que eles não gostem e colocar no ar, você não entra mais [no país]. Se alguém te ver tirando uma foto de um soldado ferido vai tomar sua câmera. Aconteceu comigo e com todo mundo", conta Yan. Em uma manhã, ele parou em um checkpoint (base do Exército), cuja regra é nunca fotografar o espaço, a chegada de um carro agitou os soldados, que apontaram suas armas ao que parecia um ataque. Yan e seu parceiro se esconderam atrás do carro achando que o motorista ia se explodir. Os dois repórteres começaram a fotografar enquanto o capitão pegou o motorista, colocou-o no chão e posicionou a pistola na nuca. Os equipamentos dos profissionais, apreendidos depois da ação, foram recuperados. Mas sem os cartões de memória.

Coragem e covardia. "Você não pode ser tão corajosa a ponto de morrer e nem ser tão covarde a ponto de perder a pauta", aconselhou Hélio Campos Mello para a filha. Jornalista de guerra, Hélio foi preso pelas tropas de Saddam Hussein durante a Guerra do Golfo, em 1990. Dezesseis anos depois, Patrícia Campos Mello embarcava para sua primeira cobertura em uma zona de conflito. Desde aquela viagem para cobrir as tropas americanas no Afeganistão pelo Estadão, ela jamais perdeu uma pauta. Acumula aproximadamente 50 viagens para diversos lugares, alguns dos quais a maioria das pessoas preferiria manter distância.

Repórter especial da Folha de São Paulo e jornalista formada pela Universidade de São Paulo, Patrícia procura reportar diversas histórias que formam um mosaico para entender o contexto uma guerra, distanciando-se das estatísticas de mortes e bombardeios, como fez com o caso das mulheres da etnia yazidis que são sequestradas pelo Estado Islâmico. Em 2015, a jornalista visitou um campo de refugiados em Khanke e Sharia, no norte do Iraque. As tendas brancas disponibilizadas pelo Departamento Executivo para Gestão de Desastres e Emergência do primeiro-ministro turco abrigam histórias de uma guerra política e religiosa. O Estado Islâmico persegue os yazidis, pois acreditam que sejam "adoradores do Diabo".

A facção islamita afirma, oficialmente, que as mulheres yazidis não são como as judias e cristãs, que seguem as religiões de Abraão, e podem ser escravizadas. De acordo com relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) divulgado em junho de 2016, cerca de 3 mil yazidis são mantidas como escravas sexuais pelo EI. Por ser mulher, Patrícia teve algumas entrevistas facilitadas, já que as vítimas não vão conversar com homens sobre casos tão pessoais. Mas, mesmo nessas situações, há alguns obstáculos a serem superados, como a de ter de estar acompanhada de algum homem para entrar em alguns locais ou usar, no Quênia e na Somália, o niqab, o véu que deixa aparente apenas os olhos.

O esforço da jornalista valeu a pena. Patrícia conseguiu entrevistar a refugiada Khazal Sharif, que ficou presa sem comida e água por três dias com outras mulheres e fugiu um dia antes de ser vendida. E as personagens Sanaa, de 21 anos, e suas irmãs Hanaa e Hadya, 25 e 18 anos, que foram levadas do vilarejo de Kojo para Mossul e ficaram presas com mais de cem mulheres, onde foram estupradas pelos combatentes.

Quem paga a conta? Nas experiências de Patrícia e Joel, a Folha de São Paulo arcou com as despesas da cobertura: passagem aérea, acomodação, contratação de segurança, motorista, seguro de vida e indenização. Afinal, eram contratados fixos do veículo impresso. Não é o caso do jornalista freelancer Yan Boechat, que, desde a época que cursou jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina em 1998, tinha o sonho de cobrir guerras. Entre 2002 e 2003, viajou por mais de 20 países na América do Norte, Europa, Oriente Médio e Ásia. Tentou cobrir a invasão norte-americana ao Iraque, mas foi sem sucesso que chegou ao Afeganistão para estrear sua cobertura in loco de conflitos. Pautar-se e vender as matérias é tarefa fundamental para quem não vai com o auxílio de uma empresa. "Foi difícil perceber quais eram as pautas. Tinha dificuldade em identificar as pequenas matérias, só conseguia ver o macro. Perdi pequenas histórias com as quais poderia ter rentabilizado mais", comenta.

Yan Boechat nunca teve o perfil de quem prefere ficar dentro de uma redação. Quando trabalhou na Revista Isto É, entre 2009 e 2011, realizou um

© NOME

Joel Silva cobriu conflitos em Honduras, Egito, Colombia e oriente Médio

"Se filmar algo que eles não gostem e colocar no ar, você não entra mais [no país]. Se alguém te ver tirando uma foto de um soldado ferido vai tomar sua câmera. Aconteceu comigo e com todo mundo"
YAN BOECHAT, FOTOJORNALISTA

Patrícia Campos Mello não acredita que ser uma jornalista mulher estrangeira no Oriente Médio seja um impeditivo

© FÁBIO BRAGA

© ANDREA DICENZO

Sem apoio da grande mídia, Yan Biechat banca todos os seus gastos durante suas viagens

acordo com os chefes. "Vocês me dão um mês, sem descontar do meu salário, e eu vou por conta própria e banco a produção. Entrego a vocês uma matéria de capa". O jornalista, para não ter prejuízo, colocou no acordo que poderia vender suas reportagens para revistas da casa e para concorrentes não diretos. "Eu acho que foi rentável para os dois lados. Fiz um investimento e quase sempre conseguia recuperar. Eu fui de graça. Não gerei lucro, mas também não tive prejuízo", lembra.

Dinheiro e logística são os principais desafios para quem é freelancer. Yan se aventurou, nas primeiras coberturas, sem seguro de vida. Comprou por conta própria o capacete e o colete à prova de balas e fuzil, que custa por volta de 900 libras na Inglaterra ou 250 dólares no Iraque. O aluguel fica em torno de 30 a 40 dólares por dia. O custo da contratação do fixer, companheiro inseparável do repórter estrangeiro, geralmente um morador da região que apresenta o local, traduz, coloca o jornalista no melhores locais, pode variar. No Congo, o jornalista pagou 100 dólares por dia; na Ucrânia, 200 dólares. Em Mossul, o valor chegou a 500 dólares. Boechat conta que os freelancers dividem o preço de um fixer e vão em grupo para o front do conflito. "É muito difícil trabalhar sem fixer, praticamente impossível. Além de ser perigoso", afirma.

Diante dessas experiências tão violentas, fica uma questão: e o medo da morte? Yan avalia que o jornalismo de guerra é romantizado. Joel diz que vale a pena fazer esse trabalho: "Descemos no porão da sociedade e trazemos à luz tudo que ela não quer ver, ou não consegue". Patrícia acredita que sentir medo é desrespeitoso. Ela tem a garantia de voltar para sua casa, enquanto os civis vivem com a sorte: ou morrem durante a guerra ou tentando escapar dela.

A jornalista não se esquece de quando viu a foto do menino Aylan Kurdi afogado no mar Mediterrâneo. Decidiu ir até a cidade de Kobane, na Síria, para conhecer os avós da criança. O casal mostrou onde ficava a barbearia do pai, Abdullah Kurdi, destruída por um morteiro, os quartos e os brinquedos que restaram dos netos. Patrícia avalia que aquela foto que rodou o mundo foi sensacionalista, mas serviu para abrir os olhos do mundo para os acontecimentos do país árabe. Na viagem, em 2014, ela conheceu a história do casal de sírios Raushan Khalil e Barzan Iso que, depois de quatro dias de casados, viram sua cidade, Kobani, invadida pelo Estado Islâmico. Este último episódio é, inclusive, tema de seu próximo livro intitulado provisoriamente de Lua de Mel em Kobani, no qual contará a história da guerra contra o Estado Islâmico na Síria.